

Resenha

Resenha¹

*Maria Célia Rossetto**

A obra *Currículo na educação inclusiva*: entendendo esse desafio é uma resposta objetiva, clara, sobre o cotidiano escolar, e que aborda questões referentes a ação pedagógica na sala de aula inclusiva.

A autora é natural da cidade de Curitiba/PR e tem sua trajetória acadêmica/profissional perpassada pela educação especial, psicologia e educação artística, áreas do conhecimento que fazem uma convergência na educação inclusiva de forma inovadora e agradável, a começar pela apresentação da obra que tem uma formatação diferente da convencional para uma obra acadêmica, no que se refere à apresentação e ao conteúdo estético. Importante salientar, enquanto abordamos a trajetória profissional da autora, sua experiência na docência, atuando há mais de vinte anos na rede municipal da capital paranaense, sendo muitos destes acompanhando os alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino. Atualmente exerce a função de docente do ensino superior na Faculdade Evangélica do Paraná, coordenando um programa de inclusão de alunos com deficiência intelectual da Escola Especial Nilza Tartuce.

Pelo encadeamento das idéias de imediato revela-se a objetividade da obra que tem três partes: a) entendendo a necessidade de mudança; b) adaptações curriculares: uma necessidade na

escola inclusiva; c) recursos necessários para adaptações curriculares eficientes nas escolas inclusivas. A apresentação da obra é permeada por perguntas que atravessam o todo do texto o que leva o leitor a nele se manter preso. As perguntas dizem respeito ao contexto da sala de aula, das dúvidas recorrentes, das perguntas que os docentes muitas vezes fazem no seu silêncio e isolamento pedagógico – fato e situação a ser modificado pelo percurso da formação continuada e em serviço requerido pelas políticas de educação inclusiva. A forma como está organizada e apresentada a obra tem-se um trabalho que, sem deixar de informar, de orientar e construir conhecimentos pedagógicos junto ao leitor, tem a peculiaridade de ser simples, objetivo na apresentação dos conteúdos, de leitura rápida e prazerosa, de forma a responder às necessidades da docência – na educação especial – e do tempo, tão caro na nossa cultura.

Já na primeira parte a autora deixa claro que se esgotou o tempo de discutir a política da inclusão, visto que já está definitivamente presente na educação

* Mestra em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo.
¹ Resenha baseada na obra de MINETTO, Maria de Fátima. *Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio*. Curitiba: IBPEX, 2008. 135 p.

Recebido: 25.05.2010 – Aprovado: 10.06.2010

brasileira, com diversas publicações, com muitas leis, pareceres, resoluções e documentos, mesmo que ainda não sejam suficientes. É necessário que se pense agora sobre as situações de meso e micro dimensões, isto é, as que envolvem procedimentos legais e de orientação para as dimensões da escola, da comunidade e da sala de aula, sem que se subtraia a autoridade e a autonomia docente quanto aos procedimentos que caracterizam o estilo de docência.

Ainda nesta primeira parte da obra a autora traz um tema que não costuma ser discutido nas obras pedagógicas, mas que nasce da realidade quando dela nos aproximamos, ou estamos inseridos no cotidiano da escola. A questão diz respeito ao professor e suas características pessoais. Ao trabalhar junto ao aluno que demanda cuidado e procedimentos diferenciados, muitas vezes de forma diversa dos demais alunos, não se pode descuidar da idéia básica que caracteriza o trabalho na escola que é um lugar publico, de convivência entre sujeitos com trajetórias particularizadas e partilhadas durante o tempo de uma aula, de um semestre, ou de muitos anos, e há a exigência implícita de competência pedagógica e de uma estrutura psicológica, de uma competência para a docência construída pela empiria refletida, ou seja, transversalizada pela prática que requer uma recorrente tomada de consciência sobre a aula realizada e as relações que neste tempo acontecem.

Ainda com relação ao professor ele é questionado quanto as suas concepções sobre o ensinar e o aprender, enquanto teoria de aprendizagem humana, sobre

os preconceitos, concepções sobre a deficiência e que se revelam na prática da docência, de forma até mesmo inconsciente, ou mesmo de maneira descuidada. Este capítulo encerra enfatizando os motivos da formação continuada do docente, feita na escola, e considerando a trajetória de inclusão eleita pelo educandário, como sendo de fundamental importância para qualquer ação de incluir na escola e na sociedade, onde os alunos são considerados de forma simultânea não corpo docente e funcionários. A autora diz que o aluno deficiente deve ser assumido com responsabilidade pela escola e não por um dos docentes.

No segundo capítulo temos a sala de aula, com discussões sobre o que me parece ser o motivo das dificuldades para incluir o aluno deficiente com relativo sucesso na escola regular, qual seja, a falta de um planejamento pedagógico para esse aluno, que considere o seu tempo, estilo e possibilidades de aprender com os outros, junto com outros educandos, tal como anunciado na Declaração de Salamanca (1994).

O assunto do planejamento pedagógico é escassamente discutido, revelado, nas publicações da ultima década, apesar de ser suficientemente anunciada sobre a sua necessidade; nesta obra temos exemplos de um planejamento individualizado para o aluno de necessidades especiais.

O planejamento, a discussão que esta ação pedagógica desencadeia é essencial para o trabalho da inclusão, pois sem um planejamento diferenciado, onde o currículo é pensado por um colegiado de profissionais, quando é pro-

posta a redução, adaptação, adequação dos conteúdos, dos objetivos, dos procedimentos metodológicos, das habilidades e competências a serem destacadas e trabalhadas, e, por fim, sobre a avaliação deste aluno em seu percurso individualizado ao mesmo tempo em que se encontra inserido em um grupo que pode ter outro tempo de aprendizagem, o trabalho do professor é ineficaz, com certeza gerando insegurança e potencializando a tão comum resistência a este trabalho de incluir e de considerar todos os seus alunos como sujeitos diferentes em seus trajetos de aprendizagem e de ser.

Neste capítulo fica evidenciada a distinção entre incluir e integrar, uma vez que a primeira situação exige todo um planejamento cooperativo para o aluno deficiente ser um representante da classe, e não um anexo, que pode ser com facilidade desligado do corpo ou projeto de ações pedagógicas.

Por fim, no terceiro capítulo temos os recursos necessários à inclusão dos alunos deficientes, que particulariza alguns procedimentos metodológicos na sala de aula. A tecnologia assistiva ganha destaque e o seu contexto de uso é revelado. É sugerida a busca de novas informações em sites e associações. A autora diz que se o aluno tem diversidade na forma de aprender exige do docente a simultânea diversidade no ensinar.

Desta forma temos uma obra enxuta, mas de extrema relevância para o professor que tem em sua sala de aula um aluno que o desafia no seu mister de ensinar. Aluno que demanda uma diversificação de procedimentos, pois temos

todos, como professores, a convicção que os sujeitos aprendem sempre, talvez não no mesmo tempo e as mesmas coisas, mas negar o processo de aprender é insustentável.

Pelo fato da autora ter convivência com os processos de incluir a obra se faz tão simples e relevante, pela forma como foi construída, evidencia-se o conhecimento que tem sobre as necessidades cotidianas dos docentes.

Particularmente espero encontrar outras obras da autora nas prateleiras das livrarias, pois muito há que ser dito, ser aprendido, ser construído com relação a esta política de educação inclusiva que nos desafia na competência de seremos professores de todos os alunos, e não somente dos que correspondem ao nosso ideal de aluno e aprendizagem, os que aprenderiam independente da nossa tarefa de ensinar/orientar/questionar.